

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

A NOÇÃO DE LUGAR NO CONTEXTO DA PESCA ARTESANAL EXERCIDA POR PESCADORAS EMBARCADAS NA LAGOA DOS PATOS E LAGOA MIRIM: NOTAS A PARTIR DE UMA REFLEXÃO DA EA SOBRE O TEMA

Liza Bilhalva ¹

Gianpaolo Adomilli ²

RESUMO

Esse artigo objetiva apresentar e trazer uma reflexão sobre o conceito de lugar para a Educação Ambiental, seus sentidos, significados, circunstancialidades e corporeidades, para então articular com o tema da pesca artesanal realizada por pescadoras embarcadas da Lagoa Mirim e do estuário da Lagoa dos Patos/RS. Inicialmente buscamos apresentar alguns apontamentos teóricos em torno do tema lugar, enquanto contraposição a noção de espaço, ou seja, enquanto ambiente vivido e sua relação com a educação ambiental. Em um segundo momento, trazemos essa perspectiva para dentro do universo das pescadoras embarcadas, para então articularmos também com o conceito de territorialidade enquanto forma singular de viver e habitar o ambiente marítimo costeiro.

Palavras-chaves: Lugar; Pescadoras Embarcadas; Educação Ambiental.

1. O LUGAR PARA ALÉM DO ESPAÇO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Lívia Oliveira em *O sentido do lugar* (2012) nos diz que, a concepção atual de lugar é de tempo em espaço, ou seja, lugar é tempo lugarizado, uma vez que entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria. Por esta razão de ser, ou seja, lugar como

¹ Possui bacharelado em Direito (1998) pela Universidade Católica de Pelotas –UCPEL, Bacharelado em Antropologia Social e Cultural (2012) pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Mestrado (2014) em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Membro do Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Tradicionais - NECO (Diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq). E-mail: lizabms@gmail.com.

² Possui bacharelado em Ciências Sociais (2001) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrado (2003) e doutorado (2007) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordena o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Arqueologia e Antropologia – LEPAN e o Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Tradicionais - NECO (Diretório dos Grupos de Pesquisa CNPq). E-mail: giansatolep@gmail.com.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

tempo lugarizado, é que para o geógrafo Ti-FunTuan a familiaridade com dada porção do espaço pela experiência, faz torná-la lugar.

Assim, espaço e lugar são designações de nosso cotidiano, onde se dão as experiências triviais do nosso dia a dia. (OLIVEIRA, 2012). Segundo Marandola Jr. (2012), para Heidegger o ser do homem não consiste numa simples presença no mundo, e sim, num *ser-aí*. Trata-se, portanto, de um projeto indefinido, autodirigido e inacabado. O *ser-aí* é um *ser-no-mundo*. O *ser-aí* é um *ser-com-os* outros. E o “*aí*” é a situação relativa que o ser encontra diante dos entes e do mundo.

Para Mauro Grün (2008: 1) nós estamos sempre em lugares, ainda que a percepção predominante seja do espaço neutro e desnudo de qualidades. Não vivemos no espaço. E por esta razão, entende e defende o autor que a reapropriação social dos lugares seja uma das tarefas da Educação Ambiental, uma vez que seu argumento é no sentido de que, “para termos práticas mais ecologicamente orientadas precisaríamos nos “sentir em algum lugar”. “Estar em lugar”, ter “a noção de lugar” é um modo de pertença ao mundo e é importante para nossa percepção primária e interconexões com o mundo não-humano.” “Estar em um lugar é estar em condições de percebê-lo.”.

Para o autor, a ciência moderna nos afastou da noção de lugar, esvaziou esse conceito dando lugar à concepção de espaço homogêneo. Essas noções não ajudaram nem um pouco na percepção da crise ecológica, pois todos os espaços modernos são iguais uns aos outros e neutros. Segue o autor nos dizendo que, se quisermos compreender a atual crise, precisamos do que Merleau-Ponty (1990) chama de percepção profunda, ou seja, uma percepção de nossas próprias corporeidades, como interna e totalmente dependente do vasto corpo da terra. O corpo como sendo o sujeito consciente da experiência.

Uma situação experiencial dos sujeitos com seu entorno num dado tempo, evoca o processo de constituição ontológica do homem - entendimento de mundo e de mundanidade. Para Marandola Jr. (2012:232), há duas ideias que se aproximam e compõe a discussão sobre lugar: situação e mundo circundante. Situação, segundo o autor, se refere a qualidade própria de se situar, “um posicionamento relativo em um sentido amplo. Refere-se ao mesmo tempo a uma delimitação (a definição por ele mesmo) e a um contexto

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

(posição em relação a outros)” - Interconectividade dos elementos. E mundo circundante (conceito de Heidegger), explica Marandola Jr., é aquele mais próximo, que envolve o ser e os entes em um cotidiano fático da pre-sença. Prossegue o autor:

O ser se constitui, portanto, por esta circunstancialidade composta pelos entes (as coisas do mundo) e os seres, os quais se dispõem de determinada maneira relacional. É a partir desse entendimento que Heidegger pensa o estar-com e o estar-entre, características do ser-aí, que se constitui a partir dessa posição relativa circunstanciada. Somos em relação aos objetos, às pessoas, a nós mesmos, sempre em dado espaço temporalizado. (IDEM: 234)

Outra categoria que precisamos nos apropriar para podermos pensar o ser e estar no mundo é o Corpo e sua relação com o mundo, ou seja, a corporeidade – estatuto corporal num território de existência. Chaveiro (2012:250) quando escreve sobre Corporeidade e Lugar, nos diz que “o espaço é a categoria de mediação na relação de experiência do corpo com o mundo por intermédio daquilo que é possível, portanto, vivenciável e experienciável: o lugar.”

Temos que a existência é espacial e o lugar é existencial e assim, a essência do corpo e do lugar está no devir, haja vista que ambos são potências de transformação, são dinâmicos. O corpo se constitui segundo Chaveiro como um guardador de lugares – arquivo infinito de sua própria história ligada à história social, ou seja, as ações do indivíduo no mundo, na sociedade e no dia a dia são conduzidos pela corporeidade - e também como um guardador de relações corporais, uma vez que segundo o autor, a corporeidade é biopsíquicosocial.

Se todos esses elementos estão relacionados para que possamos compreender o fenômeno humano na terra, então a defesa à pluralidade e ao alargamento temático nas ciências contemporâneas se faz imprescindível. Chaveiro aponta inúmeros autores defensores desse paradigma constituindo assim novas epistemologias, cita Marandola Jr. e Milton Santos como indicadores de que o conhecimento geográfico é efetivado em todas as experiências humanas, daí, portanto, se faz necessário estar atento para a importância dos conhecimentos que não tem origem científica.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Tudo que possui sentido é social e historicamente construído, portanto o lugar é formado por componentes materiais e imateriais que os constroem... [por ser assim a qualidade dos lugares é uma questão culturalmente concebida”]. (CHAVEIRO, 2012, p. 269).

2. O LUGAR E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO UNIVERSO DAS PESCADORAS EMBARCADAS

Atentos à importância dos conhecimentos que não têm origem científica, para que então possamos pensar outras pedagogias, outras formas de pensar o mundo, a educação e mais precisamente, a educação ambiental, utilizo nesse artigo a categoria *Lugar* para refletir sobre o contexto da pesca artesanal exercida por pescadoras embarcadas³ junto à Lagoa Mirim⁴ e ao estuário da Lagoa dos Patos⁵ localizadas no extremo sul do Brasil e Uruguai, na perspectiva de enfatizar a diversidade e alteridade dos grupos sociais, tornando visível o trabalho dessas mulheres, a forma e a transmissão de saberes, aliada à

³ O Capítulo IV da Lei 11.959, em seu artigo 8º, classifica pesca como I. Comercial: **a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria; podendo utilizar embarcações de pequeno porte;** b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial.

⁴ A Lagoa Mirim faz parte do sistema lagunar Patos-Mirim, localizada no sul do Rio Grande do Sul com parte de seu limite fazendo fronteira com o Uruguai. Assentada, sobre a planície costeira, possui uma área aproximada de 3.750 Km² de área de superfície, destes 2.750 Km² em território brasileiro e 1.000 Km² em território uruguaio. No lado brasileiro compreende os municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande em sua margem leste, e os municípios de Arroio Grande e Jaguarão em sua margem oeste, e as províncias de Cerro Largo, Treinta y Tres e Rocha do lado uruguaio. (PIEDRAS et al, 2012)

⁵ Os estuários são ecossistemas costeiros semifechados que possuem ligação livre com o mar e onde a água marinha mistura-se com água doce oriunda das áreas terrestres. (Odum, 1986). O estuário da Lagoa dos Patos ocupa uma área de 963,8km² correspondendo, aproximadamente, a um décimo da área total da lagoa. Apresenta um volume de 1,67x10⁹m³, sendo um ambiente raso, com profundidade média de 1,74m. Cerca de 76% de sua área tem profundidade inferior à 2m. O estuário tem uma importante função social e econômica para as comunidades que vivem em seus arredores, onde são encontrados muitos pescadores artesanais, algumas indústrias de pescados e um potente pólo industrial. Também, serve como corredor de escoamento fluvial da produção interna do estado e do país através do Super Porto (um dos maiores de exportação da América Latina). (R.S.SCHWOCHOW & A. J. ZANBONI, 2007).

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

compreensão do desenvolvimento humano e sistêmico na interligação dos espaços ambientais.

Mais especificadamente, através da interlocução entre Educação Ambiental e Antropologia, o propósito da pesquisa é, sobretudo, capturar, a partir dos aspectos históricos, educacionais, geracionais, processuais e relacionais, os múltiplos sentidos do que é ser uma pescadora que embarca na Lagoa Mirim e no estuário da Lagoa dos Patos, como se constrói enquanto sujeito e, conseqüentemente, compreender de que forma os saberes ligados às suas práticas de trabalho, territorialidades e, de forma mais ampla, o modo de vida, se formam, atualizam e são transmitidos em processos educativos.

A pesquisa encontra-se em fase inicial não ocorrendo ainda atividade em campo, entretanto, com base na bibliografia revisada temos a referência de que o mundo da pesca *embarcada* é eminentemente masculino pautado por um olhar hierárquico que não reconhece a existência das pescadoras, cujas trajetórias de busca por direitos e reconhecimento é ainda incipiente e, que, portanto, as invisibiliza.

Afirmar que essas mulheres atuam como embarcadas na pesca artesanal implica dizer que trabalham em embarcações pequenas típicas dessas regiões lagunares (botes ou canoas) retornando à terra diariamente. A pesquisa vem tratar e dar visibilidade a essas trabalhadoras e suas práticas.

Aproveito e trago duas imagens de pescadoras embarcadas na Cidade de Jaguarão/RS, lugar este que, conforme matéria publicada em 2007 pelo Jornal Diário Popular de Pelotas/RS, teve inaugurada em 20 de março de 2007 a primeira Colônia de Pescadoras Nossa Senhora Aparecida Z-25, totalmente comandada por mulheres. As imagens ilustram a experiência de pescadoras embarcadas na relação de trabalho, a fim de evidenciar que não há ação social sem lugar. As corporeidades se realizam no lugar.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Figura 1 e 2: Pescadoras embarcadas em Jaguarão



Fonte: Paulo Rossi/Diário Popular/2007

De acordo com essa perspectiva, o estudo da categoria *Lugar* torna-se de fundamental importância para pensarmos a constituição dessas mulheres, o trabalho que executam, suas práticas, seus corpos e as relações que estabelecem como o mundo circundante, para somente assim, compreendermos suas cosmologias e, conseqüentemente, os processos educativos adquiridos e transmitidos por elas, bem como os conflitos socioambientais que vivenciam e as formas que adotam para lidar com os mesmos.

Não resta dúvida que ser pescador/a é um *ethos*, um modo de viver que se apoia no trabalho em uma cadeia familiar, ou seja, tem a ver com as relações de parentesco, solidariedade e temporalidades (GERBER, 2015, ADOMILLI, 2007). A diferença de falarmos e pesquisarmos sobre e com pescadoras embarcadas é que esse espaço da terra e das relações socioambientais extrapola para as águas e, conseqüentemente, as relações advindas daí vão além do tempo das mulheres em terra e dos homens no mar, tema recorrente nas pesquisas sobre pesca no Brasil.

Cabe aqui pensar não só o mundo da pesca das mulheres, mas também o mundo das mulheres na pesca.

Considerando que a noção de ambiente vai além da dimensão tratada inicialmente pela ecologia, tratamos essa noção agora em um sentido amplo, que contempla o ser humano e, assim, busca relacionar natureza e cultura, e entendendo de igual forma que há

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

um alargamento da noção de educação indo além, por exemplo, do espaço escolar, sobretudo, se pensarmos a relação entre educação e cultura enquanto formas fundantes que envolvem o ensinar e o aprender nas sociedades humanas (ROCHA E TOSTA, 2009).

Podemos então, de acordo com Adomilli, Tempas & Lopes (2017) entender a Antropologia como uma forma de educação, uma vez que se refere a formas de produzir sentidos de acordo com as experiências de mundo e a vida em sociedade.

Enrique Leff (2001) nos diz que o Saber Ambiental excede as ciências ambientais, constituídas como um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos às disciplinas tradicionais (antropologia ecológica, ecologia urbana, engenharia ambiental, etc). O saber ambiental se abre para o terreno dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais. Em síntese, o saber ambiental é concebido como um processo em construção, complexo, por envolver aspectos institucionais tanto de nível acadêmico, contrariando os paradigmas normais do conhecimento, quanto de nível sociopolítico, por meio de movimentos sociais e de práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais.

Desta forma, Antropologia, enquanto uma ciência que se ocupa de trazer diferentes olhares para a compreensão de povos e grupos humanos em seus diferentes contextos, se caracteriza nas reflexões suscitadas em situações de alteridade. Assim, no lugar de pensar a natureza apenas como recurso, propomos, de acordo com alguns autores, na interface entre Antropologia e EA, pensá-la enquanto lugar do aprender, onde os saberes cotidianos das pescadoras embarcadas estariam relacionados a uma territorialidade, partimos aqui do conceito de “territórios sociais”, sugerido por Little (2005), uma vez que, em linhas gerais, este conceito abarca uma diversidade de grupos humanos que apresentam diferentes formas de apropriação do espaço.

Milton Santos em *O retorno ao Território* (2005) nos traz a noção de território como categoria fundamental para pensar o ser e estar no mundo. Lugar é espaço vivido clarificado com o *ser-aí* e o *ser-com*. Lidar com o conceito de “territórios sociais” em uma perspectiva cosmológica possibilita uma abordagem em torno do viver/habitar no mundo. Assim, ao invés da noção de espaço, as noções de “lugar, movimento e conhecimento”

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

inseridos na perspectiva do “habitar”, conforme assinala Ingold (2011), nos leva a repensarmos essa relação para além da dualidade moderna entre natureza e cultura. Para este autor, trata-se de um processo pautado no aprender atravessado pelos fluxos da natureza (INGOLD, 2011).

Assim, considero que autores como Ingold (2011), Latour (2009), e outros, podem ser considerados enquanto proponentes de “epistemologias ecológicas” (STEIL e CARVALHO, 2014) no sentido de uma área de convergências para ruptura das dualidades modernas como natureza e cultura, corpo e mente, nesse sentido:

As epistemologias ecológicas contrapõem-se à perspectiva representacional. Partem de uma premissa compartilhada de que os significados, os conceitos e as abstrações que resultam do processo do conhecimento não constituem um mundo à parte em relação à matéria e às coisas. Conhecer é fundamentalmente uma habilidade que adquirimos na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo, e não uma prerrogativa humana que se processaria no espaço restrito da mente como uma operação racional. Torna-se, assim, impossível dissociar a mente do corpo, a cultura da natureza, o conhecimento da experiência. Para conhecer, a partir da perspectiva ecológica, é necessário estar imerso na matéria e no mundo através do engajamento contínuo no ambiente. (STEIL e CARVALHO, 2014, p. 164).

Devemos estar atentos que a cultura perpassa por todo um rol de comportamentos relacionados com o meio ambiente e, na ausência dessa perspectiva, necessariamente qualquer avaliação estaria prejudicada na sua fundamentação, nas suas propostas e nas suas conclusões. Ao envolver as áreas das ciências humanas e naturais, a noção de ambiente remete à relação entre natureza e cultura, colocando o problema da ciência em superar as dualidades modernas na qual foi fundada.

Para Steil e Carvalho (2014), as epistemologias ecológicas propõem essa dialogicidade de forma radical, envolvendo humanos e não humanos, na medida que a questão da simetria aparece como central na produção do conhecimento, não mais “sobre”, mas “com” o outro, trata-se, portanto, de uma fusão da história humana e da história natural.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do artigo foi privilegiar a noção de *Lugar* enquanto possibilidade dos grupos humanos de experienciar, viver e habitar no ambiente. Fixamos que estudar e promover o lugar se constitui uma prática de resistência (RELPH, 2012), evidenciando a experiência e a pertença ao mundo pelos seres habitantes.

O primado da percepção corpórea nos aproxima do mundo sensível eliminando assim, segundo Grün (2008), o grande vilão da Ética Ambiental e da Educação Ambiental: o dualismo cartesiano que distingue natureza e cultura, sujeito e objeto, o qual nos afastou da natureza, ambiente, lugares e paisagens prejudicando, sobretudo, a nossa percepção da crise ecológica.

Mauricio Waldman (2012) nos diz que, é justamente nos marcos da modernidade que os problemas ecológicos se especificaram na sua plenitude. Dessa forma, esclarecer e discutir as perspectivas da antropologia, enquanto disciplina para com este mesmo mundo moderno, abre caminhos para evidenciar o alcance das possíveis contribuições, assim como, da eficácia operacional das abordagens que agitam o interior do seu campo teórico.

A capacitação da antropologia em identificar opções diversas das que regem o mundo moderno pode, de igual modo, prontificar-se para consolidar propostas alternativas aos desafios criados ao longo do processo de expansão da civilização ocidental, entre esses evidentemente os de ordem ambiental.

O autor deixa claro que, qualquer que seja o tipo de relacionamento estabelecido pela sociedade tradicional com o meio natural, este, no geral, mantém seus grandes ciclos em funcionamento. Ao contrário da sociedade contemporânea, o mundo da tradição pautou-se por uma convivência com a esfera do natural, e não pela sua exclusão.

Assim, para que essa perspectiva seja alcançada na interface entre EA e Antropologia no contexto da pesca artesanal realizada por mulheres em embarcações, a pesquisa se filia à chamada “corrente etnográfica” definida por Sauv  (2005). Essa corrente privilegia, ou seja, dá ênfase, ao caráter cultural da relação com o meio ambiente” (SAUVÉ, 2005, p. 34).

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Para a autora, “a educação ambiental não deve impor uma visão de mundo; é preciso levar em conta a cultura de referência das populações ou das comunidades envolvidas”, uma vez que “a corrente etnográfica propõe não somente adaptar a pedagogia às realidades culturais diferentes, como se inspirar nas pedagogias de diversas culturas que têm outra relação com o meio ambiente” (SAUVÉ, 2005, p. 34-35).

Neste viés a pesquisa se alinha, buscando atingir os objetivos próprios da EA de reconhecer a estreita ligação entre natureza e cultura, aclarar cosmologias e valorizar a dimensão cultural da relação com o meio ambiente (SAUVÉ, 2005) considerando, sobretudo, que o espaço é a categoria de mediação na relação de experiência do corpo com o mundo por intermédio daquilo que é possível, portanto, vivenciável e experienciável: *o lugar*.

Finalmente trago Heidegger (1971), o qual nos alerta: precisamos habitar poeticamente e aprender a residir na Terra.

REFERÊNCIAS

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque nacional da Lagoa do Peixe – RS**. Dissertação [Mestrado], Porto Alegre: UFRGS 2003.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Terra e Mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São Jose do Norte – RS**. Tese [Doutorado]. Porto Alegre: UFRGS 2007.

ADOMILLI, Gianpaolo; TEMPAS, Martin; LOPES, Raizza. Notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa etnográfica na área de educação ambiental. **Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental. Rio Grande**, v. 34, n. 3, p. 226-244, set./dez. 2017.

CARVALHO, Isabel. (Orgs.). **Educação Ambiental – pesquisas e desafios**. Porto Alegre. Artmed, 2005.

CHAVEIRO. Eguimar. **Corporeidade e lugar: elos de produção da existência**. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GERBER, Rose Mary. **As Mulheres e o Mar. Pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

GRÜN, Mauro. A importância dos lugares na Educação Ambiental. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, volume especial, dez. 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry, Language, Thought**. New York: Harper & Row publishers, 1971.

INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Londres & Nova York: Routledge, 2011.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed.34, 2009.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis, Vozes, 343 p., 2001.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, n 3. 2005.

MARANDOLA Junior., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MELLO. João Baptista de. **O triunfo do lugar sobre o espaço**. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas**. Campinas: Papyrus, 1990.

NETO, José Colaço Dias. **“Pescador que é pescador enfrenta até o IBAMA!”: notas para etnografia de um conflito na Lagoa Feia**. In: ADOMILLI, Gianpaolo K. et al (orgs). Povos e Coletivos pesqueiros. Estudos etnográficos e perspectivas socioantropológicas sobre o viver e o trabalhar. Ed. da Furg, p. 205-220, 2012.

OLIVEIRA, Livia de. **O sentido de lugar**. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PIEDRAS, Sérgio Renato N., et al. Caracterização da atividade pesqueira na Lagoa Mirim, Rio Grande do Sul, **R. Bras. Agrocência**, Pelotas, v.18 n. 2-4, p.107-116, abr-jun, 2012.

PIEVE, Stella, et al. **A dinâmica do conhecimento ecológico local: um estudo etnoecológico sobre a resiliência dos pescadores artesanais da Lagoa Mirim, Rio Grande do Sul, Brasil**. In: ADOMILLI, Gianpaolo K., et. al (orgs). Povos e Coletivos pesqueiros. Estudos etnográficos e perspectivas socioantropológicas sobre o viver e o trabalhar. Ed. da Furg, p. 205-220, 2012.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. Ed. Brasiliense, 63 p, 1994.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

REIGOTA, Marcos. A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.2, p. 539-553, maio/ago. 2010.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar**. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROCHA, Gilmar. TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Temas & Educação (10). 2009.

SÁ, Lais Mourão. Pertencimento. In: JR, Luis Antônio Ferraro (org.). Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, **Diretoria de Educação Ambiental**, 2005, v. 01. p. 245 - 255.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. En: OSAL : Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005

SAUVÉ, Lucie. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental**. In: SATO, Michele.; CARVALHO, Isabel (Orgs.). Educação Ambiental - pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

STEIL, Carlos Alberto & CARVALHO, Isabel. Epistemologias ecológicas: Delimitando um conceito. **Mana** 20 (1): 163-183, 2014.

SCHWOCHOW, Rosane & ZANBONI, Ademilson J. O estuário da Lagoa dos Patos: um exemplo para o ensino de ecologia no nível médio. **Cadernos de Ecologia Aquática** 2 (2):13-27, ago - dez 2007.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.